

TERRAE INCOGNITAE E O OCULTAMENTO NEOLIBERAL: ANÁLISE CRÍTICA DE “QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA”

TERRAE INCOGNITAE AND NEOLIBERAL CONCEALMENT: CRITICAL ANALYSIS OF “QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA”

Samuel Mascarenhas Barros Gusmão¹
Lucas Campos Ferreira²
Diego Jeangregório Martins Guimarães³

RESUMO: "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada", de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960, narra a vida da autora, uma mulher negra, mãe solteira e habitante da favela do Canindé, em São Paulo. A obra dialoga com o conceito de "Terrae Incognitae", que se refere a territorialidades conhecidas geograficamente, mas cujos símbolos e significados pertencem apenas aos moradores. Objetivo: Explorar as conexões entre a literatura e os territórios incógnitos a partir da obra "Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada", através de uma crítica da racionalidade neoliberal. Metodologia: Adotou-se o método qualitativo e revisões bibliográficas em Território, Direito e Literatura. Se estabelece no seio dos estudos interdisciplinares de Direito e Literatura e tem como metodologia a abordagem de direito na literatura, que analogamente será utilizada para a relação literatura e estudos territoriais. Nas escrituras de Carolina, o conceito de Terrae Incognitae se concretiza nas simbologias e significados dos espaços. A análise revela a estratégia neoliberal de apagamento desses territórios, submetendo seus habitantes ao "Quarto de Despejo". Assim, a autora se torna guardiã dessas especialidades, resistindo ao ocultamento neoliberal.

PALAVRAS-CHAVE: Interdisciplinaridade; Terrae Incognitae; Direito, Literatura, Território

ABSTRACT: Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, by Carolina Maria de Jesus, published in 1960, narrates the life of the author, a Black woman, single mother, and resident of the Canindé

¹ Graduando em Direito pela Universidade Vale do Rio Doce. Governador Valadares, MG, Brasil. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0997911876412217> . E- mail: samuel.gusmao@univale.br. O presente trabalho é produto do Projeto de Pesquisa “Direito, Literatura e reinvenções simbólicas do território: diálogos em tempos neoliberais” em execução na Universidade Vale do Rio Doce - Univale, com o apoio da Univale/FPF e FAPEMIG. O projeto se executa no âmbito do Laboratório NIESD – Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos em consonância com seu projeto estruturante “Territorialidades, Vulnerabilidades e Resistências – Educação, Saúde e Direitos em Governador Valadares e Região”, estruturado junto à Linha de Pesquisa “Território, sociedade e saúde” abrigada na área de concentração em “Estudos Territoriais” do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Gestão Integrada do Território.

² Pós-graduando em Economia e Filosofia, Ética e Cidadania pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP). São Paulo, SP, Brasil. Graduado em Criminologia pela Universidade Anhanguera. Governador Valadares, MG, Brasil. Graduando em Direito pela Universidade Vale do Rio Doce. Governador Valadares, MG, Brasil. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4352622483765696> . E- mail: lucas.ferreira2@univale.br

³ Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, MG, Brasil. Graduado em Direito pela Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, MG, Brasil. Licenciatura Plena em Filosofia pela Unimes. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4786981548408187> . E-mail: diego.guimaraes@univale.br

favela in São Paulo. The work engages with the concept of *Terrae Incognitae*, referring to territorialities that, while geographically recognized, remain unknown in their symbolic and cultural dimensions, accessible only to their inhabitants. Objective: To explore the connections between literature and unknown territories through the work *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, offering a critique of neoliberal rationality. Methodology: A qualitative approach was adopted, including bibliographic reviews in the fields of Territory, Law, and Literature. The research is situated within interdisciplinary studies of Law and Literature, employing the Law in Literature approach, which is similarly applied to the relationship between literature and territorial studies. In Carolina's *escrevivências*, the concept of *Terrae Incognitae* materializes through spatial symbols and meanings. The analysis reveals the neoliberal strategy of erasing these territories, relegating their inhabitants to the *Quarto de Despejo*. Thus, the author emerges as a guardian of these spatialities, resisting neoliberal erasure.

KEYWORDS: Interdisciplinarity; *Terrae Incognitae*; Law, Literature, Territory

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho tem-se como objeto a obra da Carolina Maria de Jesus denominada *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Obra em que a autora faz uma narrativa autobiográfica das suas *escrevivências* na favela do Canindé em São Paulo na década de 1950. O objetivo deste trabalho é realizar uma aproximação teórica, no avançar das fronteiras da interdisciplinaridade, especialmente da literatura e território, ao realizar um diálogo entre a obra de Carolina de Jesus (2014) publicado em 1960 e o conceito de *Terrae Incognitae* elaborado por Wright (2014).

Parte-se da metodologia do Direito e Literatura proposta por Henriete Karam (2017) num esforço para que essa perspectiva venha a conjugar-se com os estudos territoriais, considerando o movimento Direito e Literatura e as transformações dos estudos territoriais sob os influxos da geografia humanista, na senda de propiciar outros diálogos e compreensões.

Para tanto faz-se inicialmente a descrição do conteúdo da obra da Carolina de Jesus, com reflexões que apontam para o conceito de *Terrae Incognitae* de Wright. Em seguida realiza-se um diálogo em como é possível observar a expressão ou manifestação do conceito de Wright na obra, e por fim, pretende-se uma reflexão sobre a própria compreensão de *escrevivências* cunhada por Conceição Evaristo (2020). O que acaba por apontar reflexões

acerca da escrevivência e a resistência da territorialidade incógnitas na obra da Carolina Maria de Jesus.

2 O QUARTO DE DESPEJO COMO TERRITÓRIO INCÓGNITO: A FAVELA NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Antes de aprofundar-se nas interconexões entre a obra de Carolina Maria de Jesus e o conceito dissertado por Wright, torna-se imperativo destacar a relação da autora com o território da favela. A imersão nas experiências vivenciadas pela catadora permite não apenas uma compreensão mais aprofundada de sua escrita, mas também a observação de uma das formas de concretização do conceito teórico de *Terrae Incognitae*.

Para examinar os desdobramentos proporcionados por sua produção literária, estabelecer-se-á um diálogo com distintos escritos de outros autores, tais como Conceição Evaristo, Jessé Souza, dentre outros, a fim de que, para além da relação entre o indivíduo e o território, seja possível compreender, ainda que parcialmente, a vinculação desses sujeitos com a espacialidade que habitam.

Ao adentrar sua obra, percebe-se que Carolina, ao relatar sua vivência enquanto catadora, mãe solo, mulher, negra e periférica, não apenas expõe sua realidade, mas também efetiva, mesmo que de forma indireta, uma série de denúncias dirigidas à sociedade neoliberal, tanto do passado quanto do presente. Essas denúncias emergem à medida que a autora narra seu cotidiano na favela do Canindé, em São Paulo, revelando as contradições e desigualdades que permeiam esse espaço. “Cheguei na favela os meus meninos estavam roendo um pedaço de pão duro. Pensei: para comer estes pães era preciso que eles tivessem dentes elétricos.” (Jesus, 2014, p. 35)

Ao longo de sua obra, a autora formula críticas incisivas à sociedade, valendo-se tanto do uso de metáforas quanto da descrição crua da realidade. Em determinado momento, Carolina Maria de Jesus emprega seu diário como instrumento de denúncia, direcionando sua atenção aos políticos e candidatos a cargos eletivos que exploram a vulnerabilidade da

população favelada. Ela evidencia como, especialmente em períodos eleitorais, tais agentes distribuem cestas básicas e proferem promessas vazias, empregando esses artifícios como meios de suborno e manipulação. Diante desse cenário, o eu lírico refere-se a este evento como “O Cavalo De Troia que aparece de quatro em quatro” (Jesus, 2014, p. 37).

Ao longo de seu diário, Carolina não se limita a uma crítica incisiva ao sistema político, mas amplia sua reflexão para outras mazelas sociais que permeiam a realidade de sua comunidade. Um exemplo claro disso é a constante exposição da violência social imposta aos seus filhos, seja por parte do Estado, seja pelas próprias pessoas que habitam a favela. A obra revela que a violência sofrida pelas crianças muitas vezes ultrapassava o âmbito das ofensas verbais, alcançando níveis de brutalidade física, como espancamentos, e inclusive atos destinados a humilhar e submeter moralmente os menores, ressaltando o ciclo de opressão e desumanização vivenciado no contexto da favela.

Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espancá-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com criança! As vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas. Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro do que ela. (Jesus, 2013, p. 14)

À medida que Carolina narra sua rotina em seu diário, evidencia-se a persistência do racismo estrutural, fenômeno que tem permeado a sociedade tanto no passado quanto na atualidade. Em diversas passagens, sobretudo quando descrevia os atritos com outros moradores da favela, verificava-se a constante manifestação de ofensas de cunho racista, prática que denota a arraigada presença de mecanismos discriminatórios na convivência social. “...Sentei ao sol para escrever. A filha da Sílvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: —Está escrevendo, negra fidida! A mãe ouvia e não reprendia. São as mães que instigam. (Jesus, 2014, p. 23).

Outro aspecto a ser examinado nos escritos de Carolina reside na estreita conexão que a autora estabelece com o território. Ao longo de sua narrativa, ao descrever a experiência da catadora e as denúncias que dela emanam, evidencia-se a relação intrínseca

entre o sujeito e a sua espacialidade. Contudo, é mister a análise do paradoxo subjacente aos símbolos que rodeiam essa territorialidade: de um lado, a extrema satisfação decorrente do acesso aos elementos essenciais para a subsistência, e de outro, a abdicação do básico, visto que este torna-se algo luxuoso em um meio em que há uma perpetuação da condição de miserabilidade.

Esse brilho de alegria, resultante do acesso às condições mínimas para uma subsistência digna, manifesta-se de forma recorrente na narrativa de Carolina. Em virtude da miséria em que vive, os raros momentos em que ela alcança algo que, idealmente, deveria ser acessível a todos transformam-se em verdadeiras celebrações. “Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para eles.” (Jesus, 2014, p. 36);

Por outro lado, imersa na condição de miséria social, a catadora, em inúmeras ocasiões registradas em seu diário, opta por renunciar a esse mesmo "mínimo" que, ora, era motivo de festa. Essa decisão decorre da percepção de que as garantias constitucionais para uma vida adequada se revelam, por vezes, prescindíveis, obrigando-a a priorizar outras necessidades que lhe permitam, ao menos, sobreviver e enfrentar as labutas cotidianas. “[...] Quando o João chegou da escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. Onde já se viu favelado com estas finezas?” (Jesus, 2013, p. 35).

Sob essa perspectiva, Ferreira, et al. (2023) afirmam que, em contraste com os dogmas constitucionais, os escritos de Carolina revelam uma realidade em que os moradores das favelas frequentemente detêm apenas o direito de existir, uma vez que o direito à vida, em sua plenitude, é negado, considerando que para sua concretização, faz-se necessária a presença de elementos essenciais como saúde, educação, moradia, dentre outros tantos presentes na Carta Magna.

Todas essas questões que envolvem a territorialidade da favela conduziram a catadora à criação da metáfora do "Quarto de Despejo", título que foi conferido a seu diário. Por meio dessa analogia, a cidade é vista como uma casa e, entre seus diversos cômodos, a favela representaria o quarto de despejo, ou seja, aquele espaço destinado a armazenar o que jamais deveria ser exposto, no caso, os marginalizados pela cultura hegemônica. Observa-se, portanto, uma estratégia da sociedade neoliberal de ocultar e, por vezes, até de apagar a existência e as narrativas dos moradores das zonas periféricas.

Os diversos aspectos que circundam a territorialidade da favela e que levaram Carolina a desenvolver a alusão presente na metáfora do "Quarto de Despejo" comunicam-se com o que Jessé Souza (2017) chamou de "ralé brasileira". Segundo o autor, o abandono estatal direcionado à população negra após a abolição da escravidão constituiu o ponto de partida para a origem das desigualdades que ainda hoje se manifestam de forma aguda no Brasil.

[...] dá-se a constituição histórica daquilo que chamo de "ralé brasileira": composta pelos negros recém-libertos e por mulatos e mestiços de toda ordem para quem a nova condição era apenas uma nova forma de degradação. A submersão na lavoura de subsistência ou a formação das favelas nas grandes cidades passam a ser o destino reservado pelo seu abandono. Temos aqui a constituição de uma configuração de classes que marcaria a modernização seletiva e desigual brasileira a partir de então (Souza, 2017, p. 48).

Nota-se, portanto, que a favela, apesar de cartograficamente mapeada, ainda se trata de uma espacialidade desconhecida, visto que a realidade que permeia este território somente é de conhecimento dos indivíduos que ali habitam. Diante disso, ao expor suas lidas do cotidiano, a autora traz um holofote para as comunidades periféricas, retirando estas do ambiente em que foram relegadas, ou seja, um local de ocultamento e esquecimento.

3 QUARTO DE DESPEJO E TERRAE INCOGNITAE

Partindo para o conceito de *Terrae Incognitae*, este refere-se, de maneira sucinta, a espaços ainda não explorados ou mapeados pela geografia formal. No entanto, John K. Wright, em seu artigo intitulado "*Terrae Incognitae: O Lugar da Imaginação na Geografia*",

publicado em 2014, amplia essa noção ao incluir territórios que, embora já cartografados fisicamente, permanecem desconhecidos em sua dimensão subjetiva e interpretativa.

Se, portanto, a terra incognita for concebida como uma área dentro na qual nenhum fato observado foi registrado na literatura científica ou nos mapas, o interior do meu lugar no Maine, não menos que o interior da Antártica, é uma terra incognita, apesar de ser uma bem pequena (Wright, 2014, p. 7)

Nesse sentido, Wright (2014) argumenta que o mundo é composto por inúmeras micro-áreas incógnitas, cujas particularidades são acessíveis apenas àqueles que habitam, convivem e interagem diretamente com esses espaços.

De fato, se olharmos de suficientemente perto – toda a Terra parece uma imensa colcha de retalhos de mini terrae incognitae. Mesmo que uma área seja minuciosamente mapeada e estudada por um exército de micro geógrafos, muito sobre sua geografia sempre permaneceria desconhecida e, deste modo, se hoje não há terra incognita em sentido absoluto, não há também terra absolutamente cognita. (Wright, 2014, p. 7)

Diante disso, torna-se possível construir uma conexão entre o conceito expandido por John K. Wright e a obra Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, de Carolina Maria de Jesus, de modo a objetivar as inter-relações entre a produção literária e os territórios incógnitos. Assim, percebe-se a possibilidade de estabelecer um diálogo entre o texto "Terrae Incognitae: O Lugar da Imaginação na Geografia" (2014) e o diário escrito por Carolina Maria de Jesus. Isso ocorre, pois, ao narrar seu cotidiano na favela, a autora evidencia a realidade de um espaço que, embora formalmente catalogado, permanece amplamente desconhecido em sua complexidade social e subjetiva.

Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. E linguiça enlatada. Penso: E assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados. (Jesus, 2014, p. 28)

Ao abordar as relações dos moradores das comunidades periféricas com a espacialidade, Carolina demonstra como as vivências e subjetividades desses indivíduos escapam ao registro da geografia hegemônica. Em contraposição à lógica de catalogação da

existência, a autora revela um processo de exclusão promovido pelo neoliberalismo, no qual vidas periféricas são esbulhadas para o "Quarto de Despejo" social.

[...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (Jesus, 2014, p. 31)

Nesse contexto, a produção escrita de Carolina constitui uma concretização do conceito delineado por Wright (2014). Ainda que não se configure como o objeto primordial de análise do referido autor, constata-se que a catalogação hegemônica tende a anular as complexidades inerentes aos territórios, uma vez que a adoção de uma perspectiva reducionista, voltada exclusivamente para a demarcação espacial, desconsidera os indivíduos que os habitam, bem como suas experiências e subjetividades.

Dessa maneira, ao relatar sua rotina, Carolina evidencia de forma contundente a existência de territórios incógnitos, mesmo quando estes se encontram cartograficamente definidos. Outrossim, a narrativa da catadora transcende ao demonstrar o processo de apagamento dessas espacialidades, as quais são relegadas a um "Quarto de Despejo", contribuindo para a perpetuação de seu caráter.

A escrita para ela tem um papel tanto de exposição das mazelas enfrentadas, como também essa atua em uma espécie de desabafo, onde através de seus escritos Carolina pode registrar suas vivências, as incontáveis lutas presentes em seu cotidiano. (Nogueira et al., 2023, p. 34)

Nota-se que graças a literatura, Carolina Maria de Jesus torna-se capaz de não somente expor a realidade em que vive, mas também denunciar as mazelas e labutas rotineiras. Nesse sentido, a autora vai na contramão do projeto neoliberal de ocultamento de territorialidades.

O humanismo destaca a riqueza da experiência humana em sua totalidade, seja através da apreciação dos fenômenos sentimentais, como expressos na poesia, literatura, cinema e artes plásticas; dos elementos racionais, presentes em construções sociais, economia e política; ou dos aspectos

psíquicos, evidenciados nos domínios dos sonhos, imaginação e imaginário coletivo. (Nogueira et al., 2024, p. 5)

Nesse sentido, constata-se que a Geografia Humanista, integrada à literatura, atua como um mecanismo de resistência frente ao ocultamento hegemônico, ao mesmo tempo em que se configura como um espaço destinado à valorização das subjetividades e do sentimento de pertencimento dos indivíduos. Assim, aqueles que foram relegados ao "Quarto de Despejo" encontram um ambiente que preserva e revitaliza a sua existência.

4 ESCRIVÊNCIA E A RESISTÊNCIA DA TERRITORIALIDADE INCÓGNITAS

Antes de avançar na investigação detalhada sobre os escritos de Carolina e sua atuação como pilar de resistência frente às incessantes tentativas de apagamento, impõe-se a necessidade de dissertar sobre, nem que seja por um momento breve, a respeito do papel da literatura, em si, no combate às opressões eurocêntricas, digo, opressões hegemônicas.

Nesse sentido, Nogueira, et al. (2023) expõem que há um “não lugar” de hospitalidade na Literatura, uma vez que no seio literário há um espaço para constantes (re)invenções e contato com o outro.

Ademais, nota-se que a literatura nada contra a correnteza hegemônica, visto que no “não lugar” literário torna-se possível se adentrar e se conectar com demais indivíduos de maneira independente de rótulos pré-concebidos. Desse modo, por mais que a sociedade relegue os sujeitos à um esbulho, estes podem encontrar na literatura um local de acolhimento, conexão, hospitalidade, afeto e pertencimento.

Observa-se que, na obra de Carolina Maria de Jesus, os raros momentos em que a autora manifesta relaxamento, descanso e paz ocorrem quando está a sós com seu diário. Assim, se torna evidente que a escrita era como uma válvula de escape, ou seja, um êxodo de um local opressivo para um paraíso onírico-literário.

Carolina tinha plena consciência de que sua escrita é mais do que sua revolta, mais do que seu grito ou pedido de socorro. É, sobretudo, uma forma de dar-se conta de sua própria existência, ressignificando seu

cotidiano de catadora de papel como evento extraordinário através da escrita. Sua escrita, ao reviver os acontecimentos passados, seus infortúnios, suas peripécias, seus descontentamentos, suas felicidades ganha forma catártica, ritualiza-se. (Gonçalves, 2014, p. 162)

Além da literatura em si, como mencionado ao longo do texto, um outro instrumento utilizado por Carolina como escudo frente às flechas neoliberais, foi a escrevivência. Por mais que a autora não tenha abertamente utilizado esta terminologia em seu diário, ainda sim, este se faz presente.

A presença deste conceito se dá, visto que descrever, de forma fidedigna seu cotidiano e a realidade dos moradores de comunidades periféricas, a autora realiza o que Conceição Evaristo chamou de Escrevivência, este que nada mais é do que uma escrita que surge a partir de experiências e vivências pessoais dos indivíduos, principalmente de mulheres negras.

O conceito de Escrevivência não se encontra explicitamente descrito nas obras de Evaristo. Contudo, quando indagada, em entrevistas/mesas redondas, a respeito de sua literatura, a autora descreve esta como Escrevivência, visto que se trata de um local de acolhimento e de representação da vivência de incontáveis mulheres negras.

Afirmo que a Escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e o de Iemanjá. (Evaristo, 2020, *apud* Duarte; Nunes, 2020, p. 38)

Nesse sentido, conclui-se que a escrevivência se configura como um espaço de resistência para a população afro-brasileira. De modo que através de suas narrativas e contos ficcionais, Evaristo consegue transmitir a realidade da população negra, bem como denunciar as explorações e opressões sofridas por esta população.

Ademais, como mencionado anteriormente, a escrevivência, por sua capacidade representativa, consegue expor a realidade de diversas mulheres negras. Nesse sentido, a literatura de Conceição Evaristo e de tantas outras escritoras negras atua como um espaço de acolhimento e visibilidade. Essa representatividade literária se manifesta em diversas obras de Evaristo, dentre as quais se destaca *Olhos d'Água*, uma coletânea de contos que, embora ficcionais, retratam a realidade de mulheres, crianças, pessoas em situação de rua, moradoras de comunidades periféricas, pessoas LGBTQIAPN+ e tantos outros grupos marginalizados.

De forma análoga, no caso dos escritos de Carolina Maria de Jesus, a representação das vivências dos moradores das periferias – especialmente das pessoas negras – também se faz presente, permitindo que suas existências, historicamente negligenciadas pela hegemonia neoliberal, sejam narradas e valorizadas. Assim, a escrevivência, tanto na obra de Evaristo quanto na de Carolina, emerge como um instrumento de resistência, por meio do qual aqueles subjugados pelas estruturas excludentes podem finalmente ter suas vozes ouvidas.

Nota-se, portanto, o potencial da literatura enquanto ferramenta de resistência e amplificação das vozes daqueles que são sistematicamente silenciados pela sociedade neoliberal. Nesse sentido, conforme argumentam Nogueira, et al. (2024), a literatura, ao se reinventar constantemente, configura-se como um espaço livre de amarras, capaz de acolher o Outro – que, neste caso, corresponde aos sujeitos marginalizados e relegados ao “Quarto de Despejo”. Assim, a literatura opera como um contraponto ao modelo excludente neoliberal, assumindo a função de um “não-lugar” que desafia e subverte as lógicas de exclusão e apagamento impostas por esse sistema.

Nesse sentido, como mencionado outrora, uma vez que a favela se trata de um espaço incógnito para a geografia hegemônica, e considerando que se nota um projeto neoliberal de ocultamento/apagamento dessas territorialidades, percebe-se, então, que o diário de Carolina Maria de Jesus, uma escrevivência realizada pela autora, age como espécie

de pilar na proteção das *terraes incognitae*. Isso se dá, visto que, como mencionado ao longo desta sessão, ao retratar a realidade em que vive, Carolina matem viva e protegidas as histórias, vivências e experiências dos que ali habitam.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, evidencia-se que o conceito de *escrevivência*, cunhado por Conceição Evaristo, permeia os escritos de Carolina Maria de Jesus, os quais, ao relatar sua trajetória enquanto mulher, negra, mãe solteira e moradora da favela, oferecem um relato autêntico e profundo de sua realidade. Ademais, a autora de *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* procede à denúncia das opressões estatais e do processo de exclusão promovido pelo neoliberalismo, processo este que se materializa na metáfora elaborada pela própria Carolina, na qual a favela é concebida como um "quarto de despejo" destinado a esbulhar seus habitantes, com o intuito de apagar suas existências.

A partir desse ponto, estabelece-se um diálogo com Wright, que expandiu o conceito de *Terrae Incognitae* para abranger aquelas territorialidades que, apesar de formalmente conhecidas e catalogadas, permanecem enigmáticas no que diz respeito aos seus simbolismos e às relações que estabelecem entre os indivíduos e o espaço. Dessa forma, a integração entre o conceito de *escrevivência* de Evaristo, a ampliação teórica de Wright e os escritos de Carolina Maria de Jesus revela que, ao narrar seu cotidiano – isto é, ao expor sua *escrevivência* – a autora também resguarda as territorialidades incógnitas do apagamento neoliberal, ao mesmo tempo em que denuncia a realidade vivenciada por seus habitantes.

Por fim, percebe-se que Carolina atua como uma autêntica guardiã das territorialidades incógnitas, fazendo com que sua literatura se configure como um instrumento de resistência que confere voz àqueles que são historicamente marginalizados e invisibilizados pela hegemonia social.

REFERÊNCIAS

- DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas – Fundação Biblioteca Nacional, 2016. 116 p. ISBN 978-85-347-0597-4.
- FERREIRA, Lucas Campos, GUSMÃO, Samuel Mascarenhas Barros, DE PAULA, Fernanda Cristina. Quarto de despejo: diário de uma favelada de Maria Carolina de Jesus: cidadania, direitos e possibilidades educacionais. In: Anais XVII Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade, Sergipe, Vol XVII, n. 14, set. 2023, p. 1-12. Disponível em: https://coloquioeducon.com/org_trabalhos/adm/exportar_trabalho_pdf.php?id_trabalho=629. Acesso em: 16 out. 2024.
- GONÇALVES, M. A. *Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus)*. Horizontes Antropológicos, v. 20, n. 42, p. 21–47, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832014000200002>. Acesso em: 28 fev. 2025.
- JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- KARAM, Henriete. *Questões teóricas e metodológicas do direito na literatura: um percurso ana-lítico-interpretativo a partir do conto Suje-se gordo!, de Machado de Assis*. Revista de Direito GV, São Paulo, v.13, n.3, p. 827-865, set-dez, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/revdireitogv/article/view/73327/70469>. Acesso em: 03 set. 2024.
- NOGUEIRA, B. G. B.; GUIMARAES, D. J. M.; FARIA, F. N. A LITERATURA COMO EXPRESSÃO DE HOSPITALIDADE: UM DIÁLOGO COM JACQUES DERRIDA E MIA COUTO. In: ROHRMANN, C. A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). DIREITO, LITERATURA E CULTURAS JURÍDICAS I. XII Encontro Internacional do CONPEDI Buenos Aires – Argentina, 2023, Florianópolis. Florianópolis: CONPEDI, 2023. p. 155-174. Disponível em: <http://www.conpedi.org.br>. Acesso em: 28 fev. 2025.
- NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa; GUSMÃO, Samuel Mascarenhas Barros; ATAÍDE, Joana Paula. Um olhar sobre a atemporalidade dos descumprimentos de direitos fundamentais: um diálogo a partir da obra "Quarto de despejo: Diário de uma favelada. Revista Online Fadivale, Governador Valadares, ano XIX, n. 27, p. 32-36, 2023. Disponível em: <https://fadivale.com.br/portal/revista/?b5-file=22513&b5-folder=22512>. Acesso em: 16 out. 2024.
- NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa; SILVA, Angela Vitoria Andrade Gonçalves da; GUSMÃO, Samuel Mascarenhas Barros. *Nas terras do rio sem dono: o contar do não-lugar*. Edição 2024: Anais do XII Colóquio Internacional de Direito e Literatura. 04 jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anacidil/article/view/1156>. Acesso em: 20 set. 2024
- WRIGHT, John K. *Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia / Terrae incognitae: the place of the imagination in geography*. Geograficidade, v. 4, n. 2, p. 4-18, 9 nov. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12896>. Acesso em: 16 out. 2024.